

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



1 DE FEVEREIRO DE 1911

N.º 289

Igrejas, mosteiros e capellas



(Photographia de A. C. Lima).

Igreja de Santa Cruz do Castello

Embora não se recomende pela belleza da sua architectura, a igreja de Santa Cruz do Castello constitue, no entanto, um monumento digno de interesse pela sua antiguidade. Situada dentro dos muros do castello de S. Jorge e no recinto da antiga Alcaçova o velho templo foi primitivamente uma mesquita mourisca, quando os sarracenos dominaram no nosso paiz. Santificada em igreja christã depois da tomada de Lisboa, n'ella se guarda desde velha data a imagem de S. Jorge, que todos os annos costumava figurar na procissão do Corpo de Deus, imagem que nos faz lembrar a par da nossa alliança com a Inglaterra toda a historia gloriosa da dynastia de Aviz.

13.º anno

Já doze annos são decorridos sobre a vida do *Brasil-Portugal*. E ao entrar no 13.º, aquelles que desde o primeiro numero o dirigem lançam um golpe de vista para todo o caminho percorrido, e reconhecem, com desvanecimento, que não foram trahidas as suas promessas, nem estereis os seus esforços, ha tão longa data encetados.

Nunca nos desviámos do caminho no nosso programma indicado, e procurámos sempre corresponder á expectativa do publico, quando não fosse possivel excedê-la.

Percorrendo a lista dos nossos assignantes, encontramos algumas dezenas d'elles que desde o nascimento do *Brasil-Portugal* o acompanham com interesse, estimulando o nosso esforço e applaudindo a nossa obra. Isto, enchendo-nos de orgulho, satisfaz-nos.

Pelos 289 numeros até hoje publicados desfilam, atravez da gravura, da arte e das letras, os acontecimentos nacionaes, ou melhor ainda, os acontecimentos mundiaes, que nestes doze annos interessaram gerações successivas em Portugal, no Brasil, e ainda noutras regiões do globo.

Pelas nossas columnas passaram os nomes consagrados nas letras, firmando notas pessoasas, artigos, chronicas, versos, todas as modalidades da litteratura contemporanea, e artistas em fóco vieram illustrar as mais bellas das nossas paginas.

Os doze volumes publicados são todo um repositorio de factos, fixados e perpetuados por tal maneira que

basta folhea-los e reve-los para evocar tudo o que durante praso tão longo tiveram de mais interessante, de mais curioso, de mais imprevisto, de mais alegre ou de mais pungente, a vida e a sociedade.

Continúa a nossa tarefa, sem que nos invada o desanimo, e antes nos incite e fortaleça o desejo insaciavel de melhorar sempre, de aperfeiçoar constantemente, de colher em flagrante as actualidades sensacionaes, e de não desmerecer nunca a confiança e a estima de quantos em Portugal e no Brasil desveladamente se interessam pelo *Brasil-Portugal*.

A partida das Irmãs dos Pobres



A irmãzinha chamada a boa mão despedindo-se de algumas das asiladas

(Photographia de A. C. Lima).



A partida das Irmãs dos Pobres. — No Posto de Desinfecção — Algumas das senhoras da nossa primeira sociedade que acompanharam as irmãzinhas no momento da sua partida

(Photographia de J. Benollet).



A partida das Irmãs dos Pobres

No momento de abandonarem o Asylo de Campolide
(Photographia de A. C. Lima).

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Carta a uma velha amiga sobre os acontecimentos

Ex.^{ma} Sr.^a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Minha Ex.^{ma} Amiga e Senhora do meu maior respeito:

Só me faltava a *grippe*. Pois cá estou eu a contas com ella. Antehontem acordei muito mais mal disposto do que habitualmente, sentindo o que toda a gente das minhas relações diz sentir: dores de cabeça, o corpo moído como uma salada de 24 horas, febre, um mal-estar geral que se não descreve. Quiz levantar-me: não foi possível. Veiu o medico e diagnosticou: *grippe*. E aqui estou eu na cama, já muito melhor, graças a Deus, mas com recommendação expressa de muitas cautellas para não recahir. O meu medico é uma pessoa muito previdente e falando com uma clareza que não deixa duvidas ao espirito mais bronco. «D'esta escapou você; mas livre-se d'uma recahida. Lembre-se de que é cardíaco... Não lhe digo mais nada.» E sahii.

Senti o cheiro de cera queimada, a agua de Labarraque, e pareceu-me sentir *as taboas do meu coração pregar*, como dizia o pobre Antonio Nobre. E com um grande amor a esta horrivel vida, puxei para mim a roupa, enchi os ouvidos da Rosario de recommendações, dobrei a dose do quinino ammoniacal e aqui fiquei, e aqui estou e aqui estarei, até que o medico não veja o perigo de eu marchar d'esta para melhor vida com a tal recahida.

Esteve hontem aqui o D. José, que veiu ver-me. E contou-me que toda a gente conhecida está como eu, de perninha e a aguas de galinha. Elle proprio encharcara já tres lenços com que sahira de casa duas horas antes. Mas aguentava valentemente o ataque e esperava não ir á cama. Rica coisa, os vinte e tantos annos que o D. José conta! Tenho uma vaga ideia de já ter passado por elles...

...

Escribo-lhe com muita difficuldade e para pouco lhe dizer porque pouco sei. Sei apenas o que me contou o D. José e o que me leram nas gazetas: tudo espremido dará uma curta e desenxabida carta que a minha excellente amiga me perdoará como falta involuntaria. Porque nem eu tenho culpa da esterilidade da quinzena, nem de que os casos d'ella sejam pouco gratos á sua nobre alma. Tenho que prevenil-a d'isto: não são boas as novas, o que, de resto, não deve surprehendel-a, minha querida senhora.

Cahi o panno sobre o ultimo acto da «questão religiosa.» No dia



A partida das Irmãs dos Pobres

Algumas das irmãs e pessoas que d'ellas se foram despedir



A partida das Irmãs dos Pobres

Atravessando a ponte do Posto de Desinfeção



A partida das Irmãs dos Pobres

Embarcando n'um rebocador ao irem para bordo do Hilary

(Photographias de J. Benoitel).

Viajantes illustres

O ex-presidente da Republica Argentina de passagem em Lisboa



O ex-presidente dr. D. José de Figueroa Alcorta e os srs. ministro e consul da Argentina em Lisboa

19, pela tarde, a bordo de um paquete, partiram as *Irmãs dos Pobres*. Portugal está, enfim, livre d'essa peste.

Quando ouvi lér a noticia d'esse embarque, pormenorizada com chalaças e grosserias de mau gosto em varias gazetas, quando os meus olhos ardidos de febre pousaram sobre as gravuras fornecidas á bibliotheca soez d'um publico ignorante e ferozmente sectario, reproduções de photographias da partida propositadamente tiradas para lisonjear a curiosidade doentia d'esta gente, senti que uma nuvem de tristeza me toldava o espirito e que de mim se apossava uma grande, uma enorme amargura.

As Irmãs dos Pobres!...

Bem o sabe, D. Dorothea: eu nunca fui *carola*. Religioso, profundamente religioso, sim. Sou-o, sel-o-hei sempre. Cada vez mais, visto como nada tenho já a esperar da vida senão uma morte tranquilla. Entendi sempre que o verdadeiro culto da religião christã está no exercicio da caridade: fazer todo o bem possivel, evitar todo o possivel mal. E' simples, é moral e é consolador. Nos estreitos limites dos meus recursos tenho feito sempre o que tenho podido e, por vezes, mais do que posso, em favor dos que julgo mais infelizes ou tão infelizes como eu. Por vezes, tambem, tenho tido occasiões para me arrependar, mas



(Photographias de J. Benollet.)

O ex-presidente da Republica Argentina de passagem em Lisboa

No Posto de Desinfectão — Madame Sagastume, esposa do illustre ministro da Argentina em Lisboa, e a familia de D. José Alcorta

nunca me arrependi. Isso seria valorisar as minhas acções pelo apreço que lhes ligam os outros, o que julgo erro grosseiro.

E', pois, natural a minha sympathia por tudo e por todos os que commungam no meu credo, pelos que pensam e procedem como eu, sejam elles quem forem. E essas Irmãs dos Pobres eram eredoras da minha maior veneração, do meu mais elevado respeito. E n'este momento, quando as sei expulsas, escorraçadas, como cães damnados, perseguidas como feras, irradiadas d'uma terra onde só praticaram o bem pela satisfação de o exercerem, como leprosos de cujo contacto é mister fugir, essas figuras humildes de mulheres avultam aos meus olhos com uma tal grandeza moral que eu chego a não attentar na pequenez de outras...

Pergunto a mim proprio por que foram expulsas essas nobres, santas creaturas, cuja vida de abnegação, de sacrificio e de bondade, não foi nunca mysterio para ninguém e muito menos para mim, que de perto as conheci. E não sei responder a tal pergunta. E ninguém saberá responder.

Eu compreendo a expulsão das congregações religiosas. Ellas estavam condemnadas por leis que não haviam sido derogadas e que a Republica invocou para realisar o acto de expulsão. Compreendo-o e não o discuto. A Republica exerceu um direito apoiada n'uma forte corrente de opinião. Está bem. E' um caso julgado esse.

por fim e emfim de uma cama — a do hospital — para a pavorosa guela da valla commum, misericordiosa e redemptora, que finalmente os offerece aos seus vermes — bem mais felizes!

Em fim, ellas lá vão! Nunea mais, nunca mais afrontarão com a sua presença este paiz liberal e tolerante que todavia não pode consentir que alguém pense em sacrificar-se pelos que soffrem sem mira n'outra recompensa que não seja a tranquillidade da propria consciencia.

Ellas lá vão! Nos seus ouvidos ainda soarão as chufas, as vaias e as ironias com que até a illustrada imprensa as despediu. Vão bem pagas da letra que sacaram sobre a gratidão d'este povo. Ainda agora, quando ellas vão no mar alto, ha quem escreva a proposito de terem chegado as andorinhas: *Foram-se os abutres e chegaram as andorinhas.* Os abutres — são ellas.

Tambem os gazomistas fizeram *grève*. N'esta barafunda de *grèves* eu já não sei a quantas ando. Mas relativamente a gazomistas creio que vamos na segunda.

Que quer essa gente? O que querem os outros — mais regalias. Não é condemnavel a pretensão, muito pelo contrario; mas é-o a maneira por que ella se afirma, mórmente n'esta occasião.

A greve dos operarios das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade



(Photographia de A. C. Lima).

O edificio da companhia guardado por forças da guarda republicana

Mas como podem ir de cambalhada com as congregações religiosas as Irmãs dos Pobres? Como, se essas pobres creaturas viviam em comunidade como simples particulares e sem outro fim que não fosse o de praticar o bem pela maneira mais efficaz, mais sympathica, mais tocante?

Que fizeram ellas mais que matar fome, enxugar lagrimas, sarar feridas, assistir a agonias? Que fizeram ellas mais que viver uma vida negra, trabalhando como bestas de carga nos misteres mais ordinarios? Que fizeram ellas mais que percorrer essas ruas esmolando pelos estabelecimentos e pelas casas particulares o pão dos desamparados que iam gemer a sua desdita á porta da admiravel casa de Campolide? Que fizeram ellas mais que cosinhar as refeições dos miseros cuja dolorosa existencia adoçavam com a sua abnegação, com a sua caridade? Que fizeram ellas mais que tratá-los na doença, costurar-lhes os farrapos, dizer-lhes palavras de affecto e consolação nas horas torvas da maior desdita?

Eu sei, eu sei. Ellas falavam em Deus e em nome de Deus exerciam a sua missão. Eu sei, eu sei. Ao cabo do seu dia trabalhoso ellas prosternavam-se e a Deus offerciam o sacrificio da sua vida, da sua mocidade, porventura da sua belleza, as suas canceiras, as suas lagrimas, o seu pensamento unico — do desprendimento, da abnegação, do sacrificio pelos desamparados, por aquelles a quem se recusa uma esmola, a quem se afasta com repulsão e que entregues á propria agonia vivem em furnas sem cobertura e sem luz, chafurdam nos barris de lixo, até que elles proprios, lixo tambem de uma sociedade, resvalam

A *grève* está na moda. A *grève* e os chapéus de côco de copa baixa e aba larga. Toda a gente usa estes. Toda a gente faz aquella. Os rapazes do lyceu, tambem. Só faltam as parteiras e os cangalheiros. Lá chegaremos.

O governo, sabe Deus com que vontade, vai aturando tudo isto com uma prudencia e uma paciencia que diriamos evangelicas se não fossem forçadas. Mas o governo não pode, nem quer, — e faz elle muitissimo bem — agravar conflictos com uma acção energica, aliás justificadissima, n'este melindrosissimo momento. Atura. Mansamente, vai mostrando que se não quer deixar levar na onda e os srs. gazomistas já perceberam isso.

Felizmente a iluminação publica e particular pouquissimo soffreram, graças aos esforços conjugados do governo e da companhia e á boa vontade do pessoal arranjado *ad hoc* para supprir a falta dos grevistas, e a despeito d'estes terem praticado a linda acção de destruirem alguns fornos na fabrica do Bom Sucesso. Esta benemerita maneira de reivindicar, destruindo, está agora muito em moda, tambem. O demonio é que ninguém indemnisa os prejudicados, que teem de ficar de bico calado, não vá o prejuizo attingir propriedade mais particular ainda.

A bordo do paquete *Cap Vilano* chegou ultimamente a Lisboa o ex-presidente da Republica Argentina, sr. dr. José de Figueirôa Alcorta, acompanhado de sua esposa, filhos e irmão.



A greve dos operarios das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade

Bombeiros trabalhando nos fornos da Boa Vista, sob a direção do mestre geral da fabrica, sr. Alfredo Auban

O sr. dr. Figueirôa Alcorta, que recebeu a bordo os cumprimentos do illustre representante da Argentina em Lisboa, sr. D. Baldomero Garcia Sagastume, e do representante do sr. ministro dos estrangeiros, hospedou-se no Avenida Palace, onde foi muito cumprimentado.

S. ex.^a seguiu para Paris no dia immediato, em viagem de recreio pelas principaes cidades da Europa.

Em Torres Novas, e na escola pratica, realizaram-se os costumados exercicios militares, que são coisas de vêr em gravuras porque a profanos não é licita a descripção d'ellas. Veja v. ex.^a pelas estampas as coisas prodigiosas que lá se fizeram e permita-me que lhe apresente os meus respeitosos cumprimentos como

Amigo devotado e obg.^{mo}
CAMARA — LIMA.

Uma lição de latim

Todas as vezes que encontro no meu caminho uma occasião de ser desagradavel á lingua latina, esfrego contentissimo as mãos. Isto são contas atrasadas, velhas questões de mocidade, e por mais desagradavel que eu lhe seja, nunca serei mais do que ella o foi para mim. Odio velho não cança, é bem certo o dictado, e a sr.^a Marini veio trazer-me a occasião de servir um copinho de vingança — essa ambrosia dos deuses — ao meu odio incansavel.

O latim! oh! com a bréca! quando me lembro do Moura da grammatica, só me applaca a ira contra todos os Mouras d'este mundo, o Moura da Trindade, que é um cavalheiro delicado e amavel, sem casos e sem verbos irregulares, que ás vezes já me tem passado alguns bilhetes de beneficio, mas que até hoje, em sua honra o diga — nunca me impingiu uma declinação sequer!



A greve dos operarios das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade

Na fabrica do Bom Sucesso — Forças militares contendo os grevistas (Photographias de A. C. Lima).

De todos os homens que mechiam em latim, na minha infancia, só um, um só, me era sympathico, e esse, coitado! apesar de toda a sympathia que me inspirava, e de toda a bondade de que era feita aquella alma — uma alma que ninguem diria fadada para o latim! — fez-me passar bem maus quartos d'hora!

Era o dr. Macedo, um santo homem que não tinha R. R. no seu alphabeto de examinador, e que desceu ao tumulo sem nunca saber o que era fazer chorar uma creança.

Pois mesmo esse santo dr. Macedo, quando o latim me aproximou d'elle, me fez passar noites e noites em torturas. Não era d'elle, era do latim, está mais que provado.

Eu ia todas as tardes a sua casa dar lição. Era depois de jantar, d'inverno. As lições davam-se n'uma saleta atapetada, agasalhada, que seria extremamente confortavel se não tivesse uma grammatica do Moura.

Eu, entrava, sentava-me e conversava um bocado; depois o dr. Macedo encostava-se á mão, defronte de mim, e eu começava:

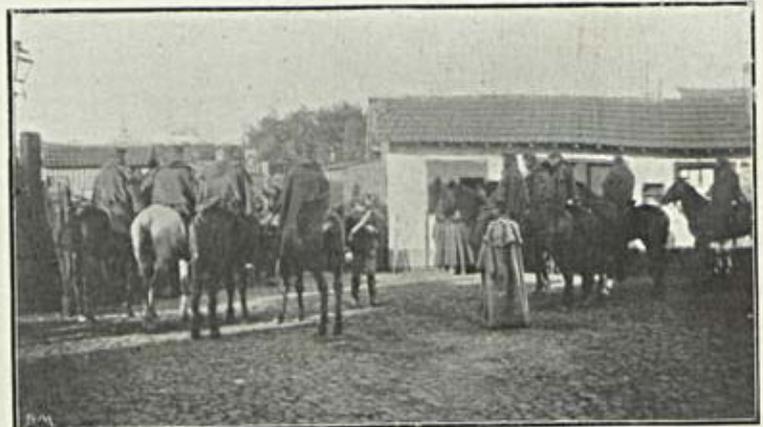
Justa Justae Justo

Quando ia no dativo olhava para elle, a procurar-lhe no rosto um sorriso approvativo, que me enchesse d'orgulho. O dr. Macedo dormia a somno solto. E eu estacava. Positivamente estava a perder o meu latim.

Esperava que elle acordasse: mas ás vezes o somno prolongava-se e eu então passava por torturas infernaes:

— Que fazer? Se elle me fica aqui a dormir toda a noite? Nada mais facil: depois de jantar, com o agasalho confortavel da casa, com a digestão a fazer-se lentamente, com o meu latim, era quasi inevitavel! E que partido tomar? Acordal-o? Era envergonhal-o, humilhal-o deante de mim seu discipulo, que resistia a uma declinação, ao passo que elle, o mestre, não chegava ao accusativo. Ir-me embora? E quando elle acordasse? Esperar? E se elle dormisse toda a noite?

Um inferno que se agitava no meu cerebro.



A greve dos operarios das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade

A cavallaria guardando a fabrica do Bom Sucesso

De repente elle abria os olhos, e eu então continuava logo, com uma precipitação delicada para que elle não desse pela longa pausa:

Justorum Justarum Justorum

D'ahi a momentos, os olhos fechavam-se-lhe outra vez; e o inferno tornava a alojar-se-me n'alma.

E passavam-se assim todas as tardes d'inverno.

Uma vez porém o caso foi mais serio.

Cheguei ás 6 horas — a nossa hora — a casa do dr. Macedo. Comecei a desdobrar o meu latim. Era receita prompta: dr. Macedo a dormir. N'essa noite ou fosse pelo contagio ou fosse porque me ouvira muito a mim proprio, os olhos começaram-se a cerrar e d'ahi a pouco sonhava como um fumador de haschich. O dr. Macedo acordou: achou-se então na minha situação de todos os dias. Acordar-me? Era expôr-me a uma vergonha. Ir-se embora? Não podia porque era o dono da casa, como aquelle homem da *soirée*. Esperou. Mas enquanto esperava adormeceu. Elle a fechar os olhos, eu a abrir os meus. Achei-me na situação d'elle. Esperei, mas d'ali a momentos os olhos tornaram-se-me a fechar. Eu a fechal-os elle a abril-os. Achou-se na minha situação. Esperou, tornou a adormecer, e assim, desenhados, dormimos e acordámos durante muito tempo. Finalmente encontrámo-nos. Conjuguéi um verbo e a lição deu-se por terminada. Sahi a correr. N'essa noite meu pae tinha um camarote em S. Carlos, cantava a Volpini por quem eu tinha uma lyrica paixão fatal e romantica. Cheguei a S. Carlos. Estava a porta fechada. — E' que não houve espectáculo, pensei.

Mas então reparei que andava pouca gente pelas ruas, que as lojas estavam já fechadas. Lembrei-me de vêr que horas eram. Era uma e vinte!

A lição de latim começára ás seis.

D'esse dia em diante o latim para mim riscou, e foi com immenso jubilo meu que a sr.^a Marini lhe deu uma catanada vigorosa.

Gervasio Lobato.

Exercícios militares na Escola Pratica de Infantaria, em Mafra



Os recrutas da guarnição de Lisboa

O olho electrico

Um aparelho que permitirá ao homem vêr o que nunca viu — O fundo dos mares e a crosta terrestre não terão segredos

Um sabio russo, Rosing, professor de physica no Instituto Technologico Nicolau I, de S. Petersburgo, acaba de inventar um aparelho que denominou «olho electrico» e que está destinado a causar uma revolução na sciencia, pois permitirá ao olhar do homem penetrar onde até hoje nunca penetrára.

O novo aparelho assenta n'um principio physico novo, ha pouco estudado.

Todo o telescópio electrico, como se sabe, tem duas secções ou estações ligadas por fios electricos. No posto de emissão está o campo de visão cuja imagem deve ser reproduzida no posto de recepção. A fim de obter essa imagem continua e real, convem produzir uma serie cinematographica com a velocidade de 50 aspectos por segundo. Para o conseguir, Rosing estabeleceu no posto de emissão um systema optico cujo eixo faz n'um segundo um giro total do campo de visão. Por um processo mechanico de difficil explicação em linguagem corrente, o sabio consegue, depois de a ter subdividido, reflectir secções de luz que, por meio d'um dispositivo especial, são transformadas, por assim dizer, em electricidade e depois transmittidas ao posto receptor por meio de signaes. Ao chegarem ali, outro aparelho recebe esses signaes, faz a operação inversa e reflecte n'um quadro ou directamente no olhar do observador uma imagem exacta do campo de visão.

Tudo assenta, no fim de contas, na transmissão das oscillações d'um feixe luminoso de intensidade variavel desde a luz mais brilhante até á escuridão absoluta, em fracções de tempo que chegam até á millionesima do segundo. Taes condições fizeram, até hoje, mallograr todas as tentativas. E' quasi impossivel, na opinião de Rosing, a solução por meio de mecanismos materiaes, taes como espelhos, por exemplo. O que se pretende conseguir é influir directamente o feixe luminoso por uma corrente electrica, e realisar as variações de intensidade pela magnetisação phosphorescente de Faraday.

O novo aparelho funda-se na applicação dos raios cathodicos

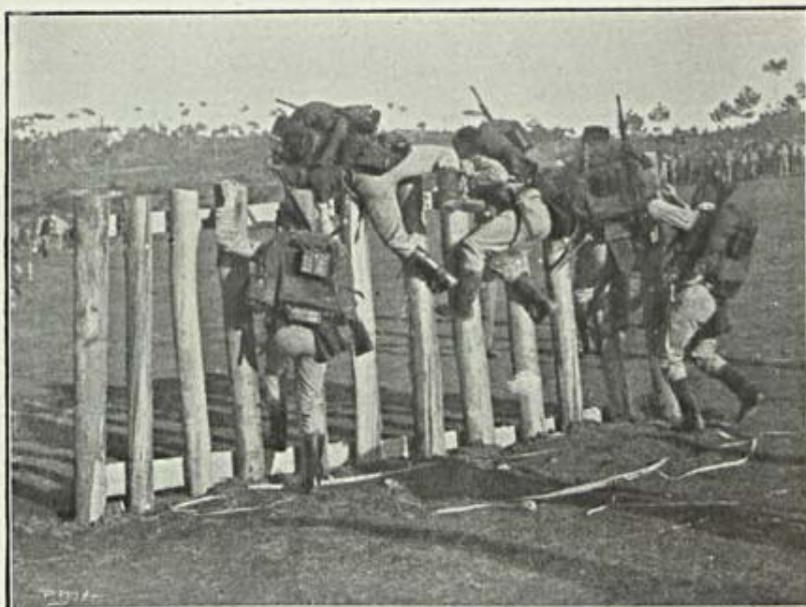
Ha pouco, descobriu-se que, além dos raios luminosos, ha outros que, possuindo todas as vantagens d'esses raios, podem tomar um movimento de oscillação sob a influencia de uma força externa, electrica ou magnetica. São os «raios cathodicos», que se propagam no vacuo quasi tão rapidamente como a luz e que, projectados sobre um corpo, criam n'ele uma fluorescencia intensiva.

O invento de Rosing consiste exactamente no emprego d'esse auxiliar no posto receptor.

Concebe-se que um raio cathodico, penetrando por um orificio minuscuro e sendo, por assim dizer, imponderavel, deve resentir-se das mais ligeiras oscillações da corrente electrica.

Por consequencia, acrescentando aos espelhos rotativos do posto emissor — que formam no aparelho a parte movel do systema optico — pequenos dynamos e dirigindo correntes no posto de recepção para os electro-imans, dispostos fóra do tubo de Crookes, essas correntes farão oscillar o feixe de raios cathodicos, absolutamente de um modo correspondente ao movimento identico effectuado pelo eixo optico no posto de emissão. O feixe de raios cathodicos, projectando-se sobre o quadro florescente collocado n'um mesmo tubo e provocando a sua fluorescencia no ponto de incidencia, traçará d'esse modo uma linha em zig-zag luminoso, semelhante à que o eixo optico do posto de emissão traça, por assim dizer, no campo visual que se encontra na sua frente. O movimento rapido faz com que os signaes dos zig-zags d'essa linha se gravem no nosso olhar e se fundam n'um unico quadro luminoso.

Para fazer apparecer n'esse quadrado qualquer imagem correspondendo absolutamente ao campo de visão, é necessario proceder de modo a não deixar os raios cathodicos projectarem-se senão no



Exercícios militares na Escola Pratica de Infantaria, em Mafra

Soldados armados e equipados saltando obstaculos

(Photographias de J. Benóiel).



A UMA DAMA

Afirmam vovos autores
Que, junto áa clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que crescem n'aquele monte.
Se os sentidos podem dar
Mantimentos al viver
N'ão é logo d'capitular
Si elles vivem de cheiro
Que eu vivo só de vos ver.

momento em que o eixo optico encontra no campo visual um ponto luminoso. E' o elemento photo-electrico, no posto emissor, que desempenha essa missao. O feixe de raios cathodicos fica habitualmente, durante todo o tempo, occulto por detraz do diaphragma collocado no caminho que elle percorre, e só no momento em que a luz se projecta sobre o elemento photo-electrico e que a corrente electrica, que d'ahi emana para o posto de recepção, começa a fazer soffrer ao feixe o seu effeito e o obriga a passar, n'esse momento, através do diaphragma e a projectar-se sobre o quadro luminoso.

A' telescopia electrica está reservado um brilhante futuro.
A terra não terá segredos para o homem

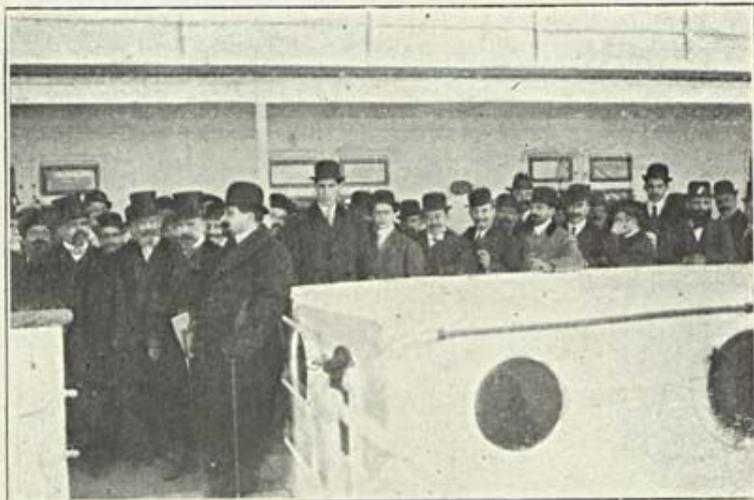
E' esta a descripção geral do invento de Rosing, o qual é de opinião que a telescopia electrica está reservado um brilhante futuro. As suas applicações são muito mais variadas que as do telephone. A esphera de applicação d'este não va além da palavra humana. Com a telescopia electrica, o homem poderá communicar não só com outros seres humanos, mas com a propria natureza. Providos do «olho electrico», penetraremos onde o homem, até agora, nunca conseguiu penetrar. Veremos o que nenhum olhar humano conseguiu jámais ver.

O «olho electrico», munido de uma poderosa lampada electrica, e descendo á profundidade dos mares, permittirá ler, nos fundos, todo o mysterio até hoje occulto do reino submarino. Ao lembrarmos-nos de que a agua cobre tres quartas partes da superficie do globo terrestre, facilmente se pode conceber a infinidade de conquistas que esperam o homem n'essas partes do seu reino, até agora inacessiveis. D'ora avante e desde já, mergulhando no futuro, podem imaginar-se milhares de «olhos electricos» passeando pelo solo dos oceanos e assestados sobre montões de thesouros scientificos e materiaes. Outros explorarão, sob a camada da terra, pelas fendas das montanhas, pelos pozos das minas.

O «olho electrico» tornar-se-ha um amigo do homem, um companheiro vigilante que não soffrerá nem com o frio, nem com as tempestades, que terá o seu logar nos pharoes, nos postos de alarme, que verá, de muito perto do céu, os mastros dos navios.

O «olho electrico», auxiliar dos homens da paz, acompanhará os soldados na guerra. Na vida habitual, facilitará as relações entre todos os membros da sociedade humana. Não receiem, todavia, como alguém já suppoz, que poss apenetrar na vida particular; é impotente para «ver através das paredes».

A partida para o Rio de Janeiro do sr. Antonio Luiz Gomes novo ministro de Portugal no Brasil



A bordo do Aragon

D. Ramon Martinez de Pinillos

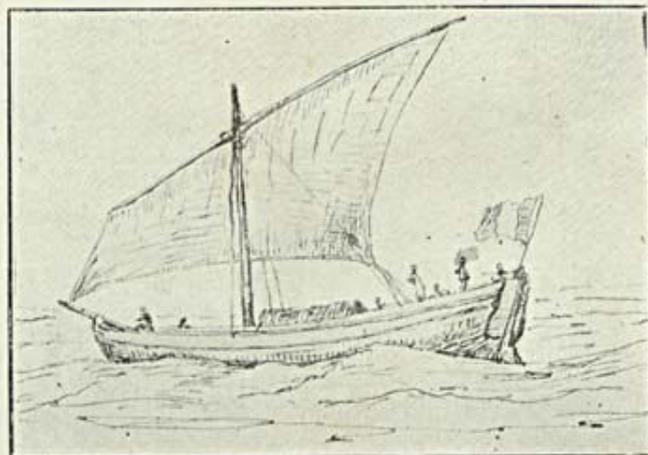
E' o nome de um grande artista hespanhol, que apresentamos com muito prazer aos leitores do *Brasil-Portugal*.

A pagina que hoje publicamos por elle firmada é uma illustração magnifica em que correm parellhas a arte, a phantasia, e a execução. Com outros desenhos honrará D. Ramon de Pinillos o *Brasil-Portugal*.

Uma Questão d'Arte

Aquelle doce typo do Christo que ha mil e novecentos annos enche o mundo com a historia da sua bondade e com a tradição do poder magico da sua palavra, cuja vida foi uma eterna apostolisação do bem, quer elle pré-gasse sobre as montanhas da Judea, ou predissesse, chorando, a queda de Jerusalem, ou resuscitasse Lazaro, ou curasse os feridos, todo esse enorme vulto, quasi lendario, mas que a distancia dos seculos tem augmentado mais, — é só debaixo da forma espirital do seu verbo e do seu nome que o conhecemos. Não temos d'elle a menor ideia phisica, porque não possuimos do seu tempo nenhuma pintura, esculptura, ou gravura,

Palestras navaes



O pangaio St. Charles demandando Moçambique em 7 de maio de 1870
 (Ver artigo publicado no n.º 288).

Republica Argentina



Homenagem ao general Mitre

Na povoação de Santo Isidro, provincia de Buenos Aires, Republica Argentina, realisoou-se no dia 25 de dezembro ultimo, a cerimonia da inauguração do monumento ao general Bartholomeu Mitre, a cuja energia, patriotismo, qualidades militares e virtudes civicas, deve aquella republica sul-americana grande parte do seu prestigio e das suas prosperidades.

Commemorando o facto mandou a commissão do monumento gravar uma medalha, da qual uma das faces é representada pela gravura acima.

ou qualquer cousa que graphicamente represente as feições d'aquelle que no Calvario havia de padecer por todos nós. E contudo elle foi um homem, e é na verdade de estranhar, que sendo elle tão notavel, não achasse no seu tempo um artista que reproduzisse o seu rosto, e que nos legasse um documento vivo do que era o Nazareno.

Que consciencia havia sobre o grande homem!

De modo que o que hoje vemos por ahi como o retrato de Christo, não é mais nem menos que uma ficção e o christianismo n'este ponto cahiu exactamente na questão que tanto se esforçara por combater: o symbolismo. E debaixo do ponto da verdade historica, a obra christã de Memling, de Masaccio, de Giotto, até Miguel Angelo, Rubens e o divino Raphael, não é mais que uma pura ficção, e o seu Jesus ou vivo entre os doutores, ou no templo, ou morto, no Golgotha, ou no tumulo, é absolutamente um typo convencional, como são convencionaes a Virgem, o Padre Eterno, toda a sacra familia.

Não ha nas catacumbas de Roma — onde a arte christã, contemporanea do Martyr, primeiro se apresentou — a mais pequena figura

vado, bem como o não são, tambem, os citados por Santo Euzebio, Santo Agostinho e S. Bazilio, que se perderam.

Mas n'um velho livro encontramos esta curiosa passagem, escripta por S. Cyrillo, que derrama muita luz sobre o caso, e que pomos a disposição dos archeologos eruditos. Este mestre diz que o rosto de Christo era ignobil *«aspectu quidem honestus... si ingloriosus, si ignobilis meus erit Christus.»*

No entanto, elle foi o mais portentoso revolucionario e uma das figuras mais sympathicas que se tem visto.

Contudo, feio ou bonito, não é pelo seu rosto que o havemos de adorar: é pelas suas obras. E se Christo foi um tanto declamador nas suas parabolhas, e se toda a sua doutrina não serve para os nossos dias e se o seu typo é por vezes um pouco pallido, como toda a creatura humana, — confessemos, todavia, que era bem prodigiosa a força da luz do seu cerebro para que ainda hoje, de dentro de um tumulo, ella nos illumine ha mil e novecentos annos, cada vez mais sympathica e mais vigilante.

XAVIER PINHEIRO.

Afonso XIII em Melilla



O rei de Hespanha e a sua comitiva atravessando os campos de Melilla

A recente viagem de Afonso XIII a Melilla constituiu um exito para o rei de Hespanha e ao mesmo tempo para o governo que a planeou. Assim o reconhece a diplomacia da Europa que encara o facto como epilogo da guerra victoriosa que a nação vizinha sustentou ha pouco contra as tribus rebeldes do imperio marroquino e como sendo o prologo d'uma affirmacão de direitos por parte da Hespanha sobre as terras de Marrocos.

do Christo, que só apparece desenhado pela primeira vez na catacumba de S. Valentim, que data já de 692.

Os primeiros christãos representam Christo por simples symbolos, e é assim que o vemos pintado pelo conhecido signal um peixe, outras vezes por um anho, uma orelha, e às vezes pela ancora. Mas nada, absolutamente nada que recorde aquella phisionomia barbada das oleographias e dos quadros a oleo. Ha portanto uma falta absoluta de indicações e nada nos diz se Christo tinha toda a barba, como resa a tradição, ou se não usava nenhuma, como era tambem costume n'essa epoca.

Essas cabeças de Jesus, muito adonisadas, barba á Francisco I, o rosto macio, gordo e oval dos grandes ociosos, deviam ser condemnadas; nada mais contraproducente com o rosto do filho de Maria, macerado pela tristeza e pelos trabalhos, e envelhecido por aquella severa e pura sciencia, que o fero egoismo dos homens da sua epoca, amortalhou, conjunctamente com o desprezo, o escarneio, e a maldade.

O retrato feito por S. Lucas não é authenticico, como está pro-

LIVROS

Terra-moça

Um dos raros livros que tem utilidade e arte é este. Quem o não leia faz uma ideia incompleta da pujante, da uberrima, da formosissima terra brasileira.

Para descreve-la, para canta-la, para desvendar os seus segredos e mostrar todo o valor da sua seiva e da sua força, reúne Manuel de Souza Pinto todos os predicados.

Leiam portanto esse livro seductor, saboreiem a suggestiva prosa d'esses capitulos que se chamam *Carta azul, Tijuca, Iru e Arte, Mil azas, Quitutes e sobremesas*, e digam-nos depois se o movimento do Rio



Alfonso XIII em Melilla. — O rei de Hespanha assistindo ao desfile das cabildos visinhas de Melilla as quaes foram prestar-lhe homenagem

de Janeiro, a paisagem e a sociedade, não desvendam a todos os olhos a sua vida íntima.

Leiam a seguir: *A cidade de Garôa, Juquery e Butantan, a porta do café, O espólio de Jacintho, Coelho Netto*, e verão como S. Paulo e Campinas se apresentam com todos os seus aspectos, com todas as suas cambiantes, com todas as modalidades do seu progresso.

Em summa a *Terra Moça*, de Manuel de Souza Pinto, n'um elegante volume, da casa editora do Porto, Lello & Irmão, é um precioso escriptorio de impressões brasileiras.

lante da cal e sobre os vidros das galerias enormes, que uma phantasia optica faz translucidas as paredes das edificações, por onde entra o ar fino, a varrer sadiamente qualquer lembrança de dor ou de morte.

Em todo o sanatório, comprehendendo jardins, matta e construcções, não ha uma linha escura ou pesada onde se embacie melancolicamente a visão do doente; não se encontra um indício que indis-

Sanatorio Souza Martins

Na extremidade occidental da Guarda, ergue-se elegantemente o Sanatorio Souza Martins constituído por um grupo de edificios que uma alvura viva torna muito claros e alegres, a contrastar com a tristeza da região granítica coberta de musgo negro. A luz crua da serra incide com tal viveza sobre a brancura ruti-



A Senhora D. Maria Thérèse
princeza de Thurn e Taxis

É filha do Senhor D. Miguel de Bragança, casada com o principe Carlos de Thurn e Taxis, e nasceu a 26 de Janeiro de 1881, tendo passado, portanto, o seu anniversario natalicio em 26 do mez findo.

NO EXILIO



O Senhor D. Manuel passeando em Richmond
com o seu antigo preceptor

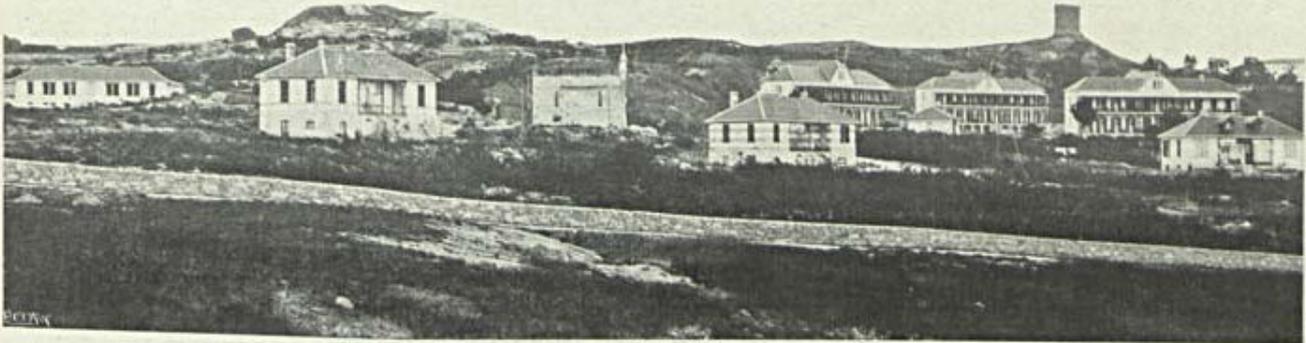
ponha o visitante; raro passa uma poeira que nos lembre uma precaução.

Tudo ahí é tão aceiado e claro, tão lavado e fortalecido de bom ar e boa luz, que apenas o silencio,— um silencio frio...— interrompido, de quando em quando, pela tosse de um tuberculoso, desperta tristeza e recorda, com receio, a doença.

torio de analyses bacteriologicas e de chimica biologica, secretaria e balneario para *duches*.

Mais distanciados, quasi no extremo poente da cerca, que mede 27 hectares, foram construidos: um pavilhão de isolamento, uma lavanderia a vapor, com estufa Geneste, e uma *garage* para dois automoveis.

Sanatorio Sousa Martins, na cidade da Guarda



Vista geral

O Sanatório compõe-se de 3 pavilhões (1.ª, 2.ª e 3.ª classe) e de 3 *chalets* duplos para familias e doentes que desejem fazer vida independente.

Cada pavilhão tem dois pavimentos: um ao rez do chão, para senhoras, e o segundo para homens, pertencendo a cada pavimento uma galeria de cura que dá accesso aos quartos que teem de cubagem 40 a 60mc.

Em todos os pavilhões, illuminados a luz electrica, ha uma sala de jantar aquecida a carvão, uma cosinha privativa, salão de recreio, quartos providos de tinas para banhos de limpeza, retretes de syphão e autoclismo e telephone communicando com a estação telegrapho-postal privativa do estabelecimento.

A mobilia, sem ser extraordinariamente luxuosa, é commoda e confortavel.

Situado a pequena distancia dos pavilhões, fica um edificio com as seguintes installações; gabinete de consultas, pharmacia, labora-

Os doentes de 1.ª e 2.ª classe, respectivamente alojados nos pavilhões 1 e 2, apesar da desigualdade da paga diaria (18500 a 38000 réis) recebem um tratamento quasi igual, accentuando-se a differença no maior luxo dos quartos, que no pavilhão 1 são individuaes, ao passo que no 2 teem dois a tres leitos, podendo, todavia, os doentes requisitar biombos divisorios.

O pavilhão 3 é exclusivamente destinado a doentes pobres que as varias delegações da Assistencia Nacional para lá enviam, sendo para desejar que, em breve, as paredes d'este edificio se alarguem, de modo a poderem receber tanto desgraçado que, á falta de um tratamento rigoroso, vae espalhando a doença na familia.

Este estabelecimento sanitario que, na especialidade, é o primeiro do paiz, e, segundo auctorisada opinião, o unico sanatorio portuguez de altitude digno d'este nome, está sob a direcção clinica do dr. Lopo de Carvalho, que tem dedicado toda a sua privilegiada cerebração aos



Sanatorio Sousa Martins.—*Vista exterior do pavilhão n.º 1*



Sanatorio Sousa Martins. — Galeria de cura

complexos estudos da tuberculose, sendo hoje o seu nome respeitado em Portugal, e no estrangeiro onde vae periodicamente, quando se realisam congressos, levar a quota elucidativa do seu talento superiormente treinado n'um estudo diário, extenuante.

O dr. Lopo é um dos raros espiritos a quem a vulgaridade choca, isolando-se, para na vitalidade concentrada da sua força mental, crearem um mundo particular, onde o prazer intellectual é, ao mesmo tempo, um delicioso tormento e um goso depauperante.

Religiosamente apartado das distracções communs, o dr. Lopo, ao primeiro cumprimento, vêmo-lo com um aspecto entre alheiado e severo, avaro de palavras e contumelias, parecendo não querer descentralisar um pouco de energia intellectual para entrar em coisas da vida vulgar.

E' esta a impressão que fica de um cumprimento fugidio; mas, quando apparece o clinico ou o amigo, a sua attenção é affabilissima e segura, sem um descuido profissional, sem falta de uma delicadeza.

Sobretudo para o doente pobre nunca o dr. Lopo lhe sahe da casa sem lá ter deixado amigos. Lembram-me, n'esta hora, as lagrimas do pobre Antonio Francisco, bibliothecario da Camara Municipal, um velhito de pulmões desfeitos que recebia uns tostões que mal lhe chegavam para o mais negro pão diário.

Muitas vezes ao sentar-me com elle á porta da bibliotheca, o vi tirar rapidamente os oculos, e enxugar os olhos, se acontecia ver o dr. Lopo passar na rua. Um dia é que me explicou:

«Sabe você, padre? Se não fosse aquelle homem eu já tinha morrido de miseria. Olhe que nunca vae a minha casa fazer uma receita que não lhe ponha logo em cima o dinheiro para a pharmacia!...

E como ao velho Antonio Francisco, ha pouco tempo fallecido, faz elle annualmente a dezenas de tuberculosos pobres, a quem não leva um ceutil pelo tratamento, sem que por isso diminuam a assiduidade das visitas e os cuidados do clinico carinhoso.

Para collaborador da sua bella obra teve o dr. Lopo a boa fortuna de encontrar, ha poucos annos, mal sahido da universidade, um moço de altas qualidades de intelligencia e coração: o dr. Amandio Paul que já hoje é um companheiro, em tudo digno da categoria profissional do dr. Lopo de Carvalho.

A administração do Sanatorio está confiada ao sr. Pinho e Costa, um cavalheiro de uma amabilidade accentuadamente fidalga, a quem agradecemos algumas informações e as bellas photographias que illustram este ligeiro artigo.

Padre ALVARES D'ALMEIDA.

THEATROS

Republica, *Margarida do Monte*, peça historica em 4 actos, original de Marcellino Mesquita. — **Nacional Almeida Garrett**, *A Bi*, peça em 3 actos, original de Victoriano Braga e João Vasconcellos e Sá. — **Gymnasio**, *Sherlock*, comedia em 3 actos, original de V. Chagas Roquette e Alvaro Lima; *Ir a Roma*... adaptação de Portugal da Silva. — **Avenida**, *A divorciada*, operetta em 3 actos, de Victor Leon musica de Leo Fall, tradução de Accacio Antunes. — **Apollo**, *A bailarina*, operetta em 3 actos, original de Max Reinmann, musica de Otto Schwartz, tradução de Ernesto Rodrigues e Xavier Marques. — **Rua dos Condes**, *Patria livre*, peça em 5 actos original de Ernesto do Carmo. — **Colyseu dos Recreios**, Companhia de opera italiana.

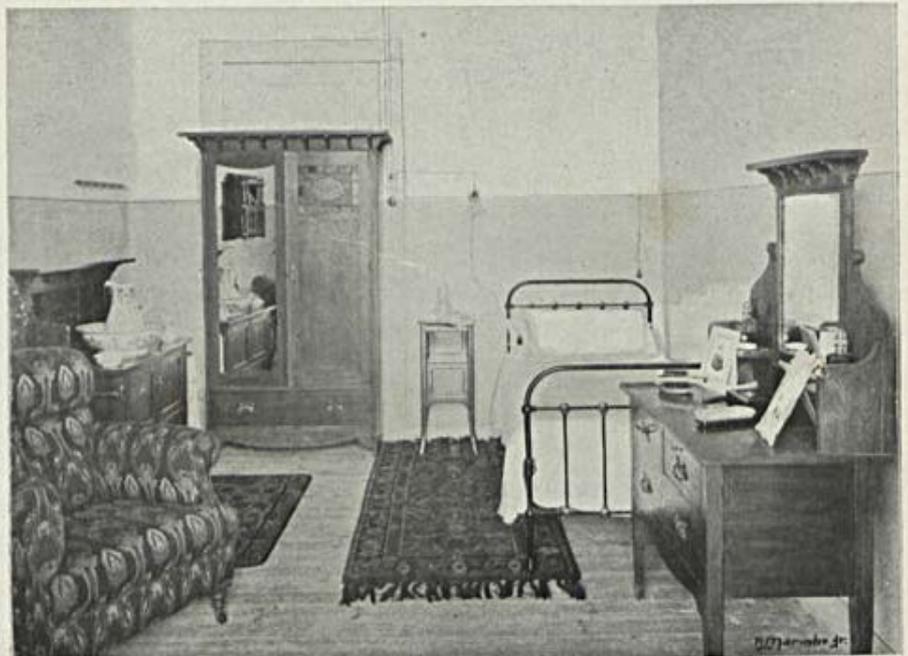
Quatro actos em redondilha resumem a *Margarida do Monte*, do apreciado auctor da *Dôr Suprema*, *Petrola*, *Regente*, *Envelhecer* e de muitas outras joias de litteratura theatral. Julgamos não errar afirmando não ser este um dos trabalhos mais felizes de Marcellino Mesquita, embora, como não podia deixar de ser, aqui ou acolá se note a traços largos, em paginas inspiradissimas, a penna do intelligente dramaturgo. Podemos defini-la assim: — O primeiro acto optimo, bem trabalhado, cheio de interesse, promettendo muito.

O segundo, dando-nos a impressão perfeita da vida e costumes na cõrte, na época do rei *magnifico*, a influencia dos frades, que apparecem lá de todas as ordens, e o desleixo do rei pelos negocios

do paiz, mais interessado em amores e aventuras, seria de agrado seguro, se fosse mais vigoroso de pinceladas e se embrenhasse mais na acção, pela qual quasi passa em claro; no entanto procura esboçar a figura de D. João V, mais uma vez abusivamente tratado apenas como um sensualão, sem o minimo relevo do seu temperamento artistico, que o era a valer. E' defeito este de que, no drama e no romance, teem enfermado muitos dos nossos escriptores ao tratarem da época.

O terceiro, muito frouxo, com scenas de baixa comedia. O quarto tem uma optima scena de seguro effeito, que uma phrase banal prejudicou, não só por mal soante e mal cabida, mas, tambem, porque o interprete não comprehendeu a intenção do auctor. Scenario e guarda-roupa, bons. Desempenho excellente por parte de Chaby, Henrique Alves, Adelina e Brazão.

— Eu conheço creaturas verdadeiramente endemoninhadas, irrequietas, com bicho carpinteiro, como é corrente dizer-se, que ninguem atura, trazendo os paes em constantes sobresaltos, receiosos sempre de uma maldade imprevista que escandalise uma visita de mais cerimonia, um amigo, uma pessoa de que se está na depen-



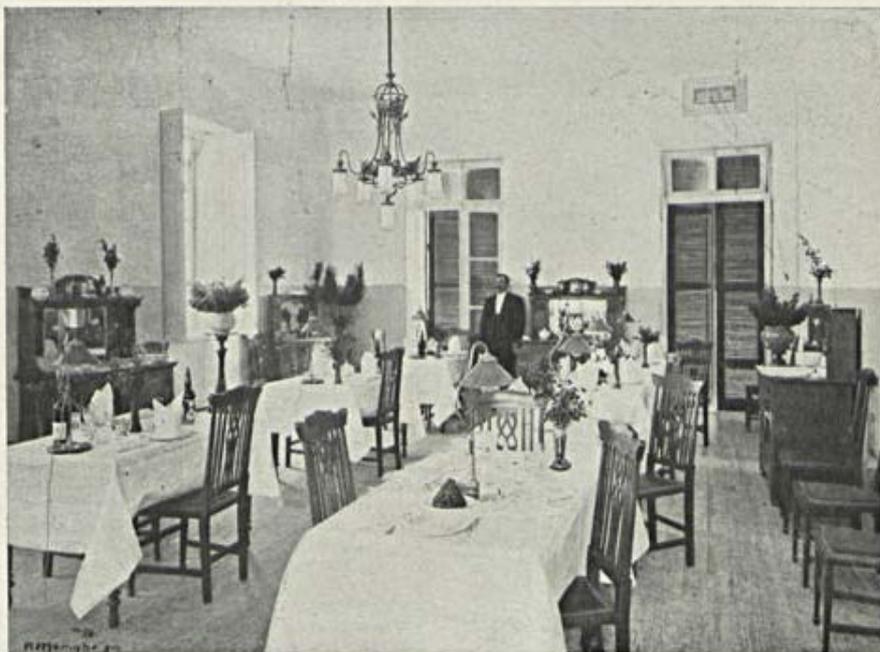
Sanatorio Sousa Martins. — Um quarto de dormir

dencia, pela pretensão de um emprego chorado, de um empréstimo sem juro, ou de qualquer outra cousa, mas como a *Bi*, confesso que nunca vi; é um verdadeiro azougue, o demonico; mas o engraçado é que aquella rapariga, levadinha mesmo da bréca, por detraz d'aquelle seu feitio que é um verdadeiro flagello para quem a atura, esconde um coração de anjo, é a bondade personificada, de maneira que em breve consegue conquistar a nossa sympathia, a ponto que sentimos pena de nos apartarmos d'ella, de nada mais sabermos da sua vida, que deve ser cheia de episodios ratões, desopilantes, a par de movimentos rapidos de ternura e de bondade, que revelam toda a grandeza da sua alma, e a nobreza dos seus sentimentos. E' pena que abuse tanto do calão, parecendo nos mais que foi educada entre rufias e alcaiotas, do que na severidade austera das irmãs *Salesias* de saudosa memoria.

E' pena, na verdade... mas dizem que assim é entre gente do tom; que eu, valha a verdade, arredado, como ando, dos grandes salões e centros de reunião, nada d'essas cousas sei; mas o que é facto é que das poucas frequentadoras do meio, que me tem sido dado conhecer, a nenhuma ouvi linguagem tão desprendida; mas, no entanto, ressam que sim... Tambem d'aquella gente poucos mais achei dignos de sympathia. A irmã é tola, affectada, victima talvez do meio, dir-se-ha, mas, com franqueza, não me agrada mesmo nada aquella sua attitude de querer apanhar o Rodrigo, — um pobre provinciano inexperiente, que vê n'ella o sonho realiado, a mais alta aspiração attingida na vida, e só não vê que é victima de uma armadilha aos seus contos de réis que irão salvar a casa arruinada. E' verdade que foi influenciada pela mãe — a senhora marquezina — mas por isso tambem arreliei logo de principio com a velha.

O pae espalha a cada momento os nomes dos avoengos que lhe lustram a ascendencia; pavoneia-se todo com os seus pergaminhos; tem escudo e brazão com legenda. Será bom homem, mas é balofo. Ha tambem um brejeiro que canta o fado como um catita, o maganão, e que é lamecha por toiradas; e Pedro, um pobre tolo pretencioso e ridiculo, que não se desmancha, um figurino, que, como todos elles, só aspira a um casamento rico. N'isto se resumem todas as ambições d'aquella gente, que lá anda de mistura com outros que são tambem idiotas pela sua excessiva boa fé. E' o facto positivo que da vida d'elles conseguimos colher. Foram alguma vez sinceros nos seus affectos? Sel-o-hão ainda?... Não sabemos, nem já-mais o saberemos, pois, escripta a nossa impressão, são apenas figuras que passaram pela nossa vista como um meteoro e que se amanhã nos apparecerem algures não conheceremos. Só a *Bi*, essa sim; ficar-nos-ha sempre na memoria, como uma recordação agradável, a figura d'essa gentil e interessante rapariga... Ah! e tambem gostámos muito de um campino que lá appareceu, não percebemos bem para quê, mas que nos pareceu optima creatura.

— Tres succulentos actos de constante gargalhada, mercê das deducções disparatadas de um administrador do concelho em quem a leitura das artimanhas engenhosas do famoso *Sherlock Holmes*, desperta a mania da investigação, o que recheia a peça de situações imprevistas cheias de espirito, de um engenho diabolico de



Sanatorio Sousa Martins. — Sala de jantar

graça, e de que Alegirim soube tirar enorme partido. A peça foi confectionada por Chagas Roquette, que já na epoca passada nos dera a primeira prova das suas qualidades de comediographo, agora definitivamente accentuadas, de collaboração com Alvaro Lima, um novo, que parece possuir recursos para a ingrata missão que se propoz realizar. A peça foi optimamente desempenhada não só por Alegirim, mas tambem por todos os demais interpretes, dos quaes destacaremos Judith, Herminia, Maria del Carmen, Cardoso e Augusto Machado.

Estamos certos de que a peça fará carreira, e, cumprida a nossa missão, só nos resta enviar aos seus auctores os nossos sinceros parabens pelo seu valioso trabalho.

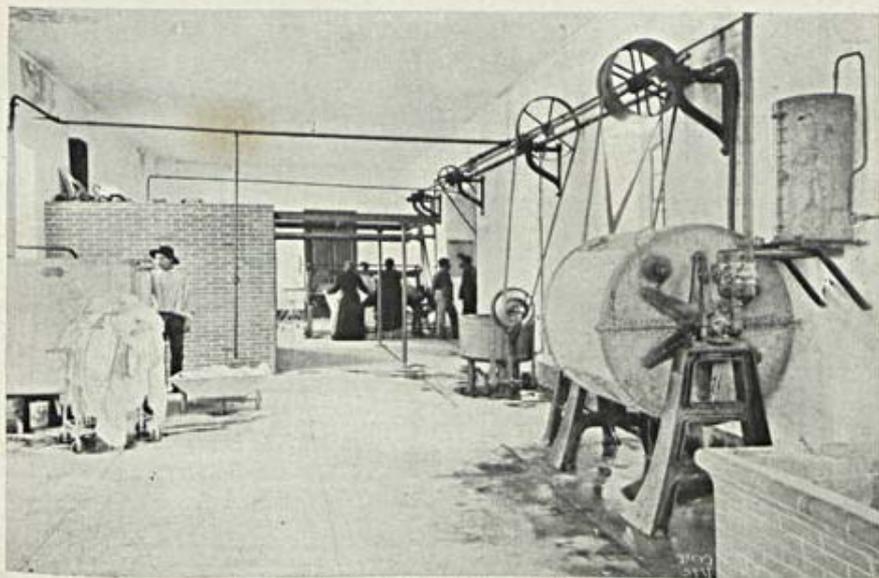
— *Ir a Roma*... e não ver o papa, é phrase muito batida aos nossos ouvidos sobre qualquer assumpto em que seja bem cabida. Pois agora podemos dizer que fomos a Roma e vimos o papa, que na noite da primeira representação d'esta comedia era o nosso amigo Augusto Machado, que mais uma vez teve occasião de fazer valer os seus recursos de bom actor comico, tanto mais que a peça lhe dá margem para isso, pois é engraçadissima e bem delineada. Todos os demais interpretes se portaram de modo a manterem em bom equilibrio o desempenho do *Ir a Roma*...

— As operettas allemãs caíram no agrado de toda a gente, e eil-as transpando as fronteiras da virtuosa Allemanha, como lhe chamou Guerra Junqueiro, e vindo por ahí fóra em busca de novos applausos, exhibindo-se em toda a sua graça, cheias de vida, echoando as suas partituras deliciosas por todo o mundo que gosta de se divertir e que se familiarisou com ellas a ponto de as não poder dispensar, pois cada uma que vem é um novo triumpho. Assim, que não ha empresario de companhia do genero que as não inclua no seu repertorio, sacrificando capitais em guarda-roupas luxuosos e scenarios deslumbrantes, que quasi sempre vê largamente compensados pela affluencia enorme de publico. E' uma mina! Já nos tinhamos defrontado com ellas na **Trindade** e no **Avenida**; tocou agora a vez ao **Apollo**, que em recita da actriz Delphina Victor, fez representar a *Bailarina* splendidamente desempenhada e posta em scena com o maximo brilhantismo, obtendo um triumpho igual ao conquistado pela sua congénere a *Divorciada*, no **Avenida**, desempenhando o papel principal a actriz Cremilda de Oliveira. Scenario todo novo de Eduardo Reis e a encenação de Antonio Gomes, merecendo referencias o baile lilaz do segundo acto.

— Mais uma peça inspirada nos ultimos acontecimentos, moldada pelos mesmos processos do *Cinco de Outubro*, do sr. Mario Monteiro, ouvimos, ultimamente no **Rua dos Condes**, optimamente desempenhada pela companhia Alves da Silva, parecendo-nos que a empresa achou peça para cartaz.

— Alcançou um verdadeiro triumpho a Companhia *Giovannini* de opera italiana, que no dia 28 se estreou com a *Aida*, no Colyseu dos Recreios.

Ruv.



Sanatorio Sousa Martins. — Lavandaria e estufa de desinfeção

OS MORTOS

Mendes Guerreiro e Benjamin Cabral



João Veríssimo Mendes Guerreiro
(† a 16 de janeiro de 1911)

Na ultima quinzena de janeiro a morte arrebatou dois homens de valor e que largos serviços prestaram ao seu país:

Mendes Guerreiro, engenheiro distincto, concluiu o seu curso em 1863 e estudou em Paris Pontes e Calçadas. Foi primeiro engenheiro districtal de Lisboa, engenheiro chefe na companhia dos caminhos de ferro, engenheiro chefe dos serviços de material e armazens para a construção das linhas do Minho e Douro. Representou a casa Kail & C^a, constructora de pontes. Foi director das obras publicas de Portalegre, director fiscal das obras do porto de Lisboa e vogal adjunto do conselho superior de obras publicas. Ultimamente era inspector geral de obras publicas e minas. Exerceu varias commissões de serviço e por vezes representou Portugal em congressos scientificos no estrangeiro, de que deixou valiosissimos relatorios que bem revelam a sua competencia e saber. Tinha 69 annos.

Os nossos pezames a sua extremosa familia.



Conselheiro Paulo Benjamin Cabral
(† a 18 de janeiro de 1911)

Benjamin Cabral contava apenas 58 annos e fôra ha pouco ainda aposentado no logar de inspector geral dos telegraphos e industrias electricas.

Tinha o curso geral da Polytechnica e o de engenheiro civil pela Escola do Exercito. Em 76 entrou para o serviço no ministerio das obras publicas, na direcção dos telegraphos e pharoes, de que tres annos depois, pela sua competencia, foi nomeado chefe. Por occasião da reforma de Saraiva de Carvalho, tomou conta da 1.^a repartição da direcção dos correios e telegraphos,

sendo nomeado poucos annos depois inspector geral dos telegraphos, logar em que prestou serviços relevantes. Foi professor do curso pratico dos correios e telegraphos, e nos ultimos annos regia a cadeira de electrotechnia no Instituto Industrial. Descance em paz o illustre engenheiro.

Barão de Peres da Silva e João Chaves



Barão de Peres da Silva
(† no Rio de Janeiro)

Do Brasil chega-nos a noticia dolorosa da morte de dois compatriotas, que ha longos annos se expatriaram, que souberam sempre honrar o seu país e impôr-se á estima e consideração da colonia pelo seu talento, pela sua cultura intellectual, pelo seu caracter, pela sua honestidade.

O barão de Peres da Silva, aventureiro e empreheitor, partiu para o Brasil ha longos annos, e ali começou a sua carreira como modesto empregado no commercio. Possuidor de vastos conhecimentos, e achando o meio por demais acanhado para a sua actividade, fez-se empreiteiro de estradas, conseguindo ao fim de alguns annos uma fortuna, grande parte da qual perdeu em especulações commerciaes. Prestou largos serviços a quasi todas as associações de beneficencia, no Rio de Janeiro, e ultimamente era director da companhia «Lloyd Brasileiro». Poucos portuguezes lograram tanto renome e tão justo na sociedade culta carioca e entre os membros da colonia. O barão de Peres da Silva fez parte da commissão portugueza da Exposição do Rio de Janeiro, e a elle se deveu em grande escala o brilhante resultado da nossa representação n'aquelle certamen.

A mesma commissão pertenceu João Chaves, esse espirito scintillante que a morte arrebatou agora. De uma graça nativa só sua, de palavra facil sempre no serviço da ideia, ora comicamente sentimental, ora ironicamente alegre, João Chaves realisava o typo do homem moderno: vasta erudição, bondade sem limites, finura fi-

dalga, e uma simplicidade que se impunha.

De Ovar, onde nasceu, partiu para Coimbra, e de Coimbra partiu para o Rio de Janeiro, levando na bagagem o seu segundo anno de mathematica, e uma grande aspiração — ser rico. Nos primeiros annos leccionou no collegio D. Pedro de Alcantara, instituido por Zeserino Candido, de quem havia sido discipulo, e que, conhecendo-lhe o valor, o chamára para junto de si. Depois dedicou-se ao commercio, mas o commercio não conseguiu absorvê-lo. As suas qualidades de pensador, de estudioso e de artista, sobrenadaram sempre no grande mar das contas correntes e das facturas. Ha poucos mezes perdêra uma filha, a vida da sua vida, uma adoravel creança que era todo o seu enlevo. Desde então esse espirito de eleição estava condemnado. João Chaves morreu torturado por uma saudade sem cura pela luz dos seus olhos. Durma em paz o pobre amigo que foi companheiro muito querido, na commissão portugueza da exposição, de quem escreve estas linhas.



João Lopes Chaves
(† no Rio de Janeiro)